

A cerimônia de abertura da 40ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, uma das festas mais importantes da cinematografia nacional, foi marcada por uma viagem ao passado e homenagens. Dado como perdido, *Proezas de satanás na vila do Leva-e-traz*, de Paulo Gil Soares, voltou às telas da cidade quatro décadas depois de levar o Candango de melhor filme na terceira edição da mostra, em 1967. “Não o vejo há 30 anos, certamente ficarei surpreendida em rever algumas cenas”, comentou, pouco antes do início do evento, a atriz Isabella, que atua na histórica produção.

O longa foi antecedido pelo curta *Brinquedos populares do Nordeste*, de Pedro Jorge de Castro. “Quando o filme foi exibido em 1977, na UnB, quem estava presente na sessão gritava: ‘A greve continua!’. Palavras de ordem contra a ditadura”, lembrou o diretor, acompanhado no palco pelo montador Manfredo Caldas (membro do júri principal este ano). “O festival tem este vigor porque a plateia, formada agora pela segunda geração daqueles que assistiram ao filme na época, sempre foi atuante e presente. O Festival de Brasília é o parlamento do cinema. Gostaria de dedicar esta sessão ao Paulo Gil Soares, que abriu as portas da televisão para o cinema brasileiro. Estou emocionado pelo convite de participar da festa dos 40 anos do festival”, enfatizou Pedro Jorge. Antes da exibição das duas relíquias cinematográficas, a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro executou *Bachianas brasileiras nº 7*, de Heitor Villa-Lobos, conduzida pelo maestro Ira Levin.

Emanuel Cavalcanti, ator e narrador do longa *Proezas de satanás*, quebrou o clima de caretice que eventualmente marca a cerimônia de abertura, com discurso inflamado, exaltando o povo brasileiro e Paulo Emílio Salles Gomes, idealizador do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. “Gostaria de romper, rasgar a alma para expressar sentimento de gratidão por rever um filme criativo, que constrói imagem de

Paulo de Araújo/CB

EMANUEL CAVALCANTI, COM ISABELLA E JOEL BARCELLOS, ATORES DE *PROEZAS DE SATANÁS*: DISCURSO INFLAMADO

EMOÇÃO

AO ABRIR AS PORTAS

sabedoria, preservando a criação da cultura brasileira. Obrigado, Brasília! Obrigado, Paulo Emílio”, gritou, ovacionado pelos 1.300 convidados que lotaram a Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional. “Me sinto feliz por estar no festival com a obra do meu pai. Também queria registrar a presença da Tia Lúcia. Sem ela, não existiria todo esse cinema novo”, agradeceu Paula Muniz, filha de Paulo Gil Soares (morto em 2000), referindo-se a dona Lúcia Rocha, mãe de Glauber Rocha, presença cativa todos os anos no evento. Grande parte do público ficou meio sem entender o recado dada à matriarca do cinema novo.

Restaurado com apoio da Cinemateca Brasileira, *Proezas de satanás* ressurgiu dos longínquos e turbulentos anos 1960 como uma es-

pécie de fábula barroca sobre o impacto do progresso numa comunidade simplória. Brincando com as credices e superstições do povo, Soares cria uma metáfora corrosiva da realidade brasileira a partir de signos e elementos presentes na obra de Glauber Rocha.

A influência não é gratuita, já que Paulo Gil Soares ajudou o diretor baiano a fazer a pesquisa para *Deus e o diabo na terra do sol* (também cuidando do figurino e desenho de produção), viajando com Glauber pelo interior da Bahia à cata de histórias da literatura de cordel que pudessem ilustrar seu épico sertanejo. Gênero, aliás, que conduz sistematicamente a narrativa de *Proezas de satanás*, cuja preciosa trilha sonora é conduzida por Caetano Veloso. “O filme teve problema de distribuição e com a

censura, o que deixou meu pai um pouco desacreditado, mas isso passou”, acrescentou Paula, que pretende filmar um documentário sobre a vida e a obra do pai.

Quem ficou até o final da festa conferiu, pelo foyer do Teatro Nacional, caras conhecidas do Festival de Brasília, como o ator Milhem Cortaz (*Carandiru*), no elenco de *Meu mundo em perigo*, de José Eduardo Belmonte, e o documentarista Vladimir Carvalho. Outras nem tanto. Caso de Dib Lutfi, câmera de *Terra em transe*, de Glauber. Com uma câmera na mão, ele registrava os momentos mais marcantes do evento. “É para um projeto da Paula Muniz”, des- conversou.

(COLABORARAM TIAGO FARIA, RICARDO DAEHN E RENATA CALDAS)